Geração de conhecimento deve ser pautada por governo, empresas, universidades e instituições de pesquisa. Por **Genilson Cezar**, para o Valor, de São Paulo

REGIS FILHO/VALOR

Ministro Marco Antônio Raupp: "A intenção é realizar uma convergência entre as políticas de desenvolvimento econômico e as estratégias de produção de conhecimento e inovação"

Diferencial **competitivo**

Mais investimentos e mais colaboração entre os diversos agentes envolvidos na produção de conhecimento e da inovação — governo, empresas, universidades e instituições de pesquisa do mundo acadêmico — são ações vitais para enfrentar as novas demandas da competitividade em um mercado globalizado, segundo manifestaram em uníssono empresários, dirigentes governamentais e representantes de instituições acadêmicas e de entidades de fomento à pesquisa de tecnologias no país presentes ao seminário "Inovação e Desenvolvimento Econômico", realizado pelo **Valor** em parceria com a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), em São Paulo, na terça-feira.

Do lado do governo, pelo menos, dinheiro não vai faltar, assegura o ministro Marco Antônio Raupp, da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Além do orçamento anual, estimado em R$ 7,01 bilhões para 2013, o governo colocará R$ 15 bilhões à disposição das empresas e instituições de ciência e tecnologia (ICTs), na forma de crédito, subvenção e fomento não reembolsável para atividades inovadoras, até 2014. São recursos novos, obtidos pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) em parceria com o BNDES, para atender projetos prioritários previstos no Plano Brasil Maior para tecnologia e inovação.

"A intenção é realizar uma convergência entre as políticas de desenvolvimento econômico e as estratégias de produção de conhecimento e inovação", afirmou Raupp durante o seminário. "Pela primeira vez, há um movimento inédito de inserir a política de inovação no coração do Plano Brasil Maior, para o desenvolvimento econômico", assinalou. Trata-se de um novo modelo de atuação do Ministério da Ciência e Tecnologia, que, desde o ano passado, incorporou o I de Inovação, e está adotando novos instrumentos de financiamento, além de medidas de ajustes aos novos tempos de mais competitividade, explicou o ministro.

Em 2011, informou, foram liberados R$ 6 bilhões em créditos a projetos de tecnologia e inovação, principalmente nas áreas de petróleo e gás, sustentabilidade, saúde. Não só: o governo tem incentivado o desenvolvimento de inovação das empresas por meio de renúncia fiscal, por conta da Lei de Informática. É um volume de recursos da ordem de R$ 4 bilhões que, somados às desonerações da Lei do Bem, atingem o montante de R$ 6 bilhões. "Vivemos uma fase de ações transversais de ciência, tecnologia e inovação, e isso leva a uma multiplicidade de meios e instrumentos de atuação em apoio à inovação em todos os setores da sociedade", explicou Raupp.

Para os empresários, além de mais investimentos, é necessário fortalecer os laços de cooperação entre as instituições envolvidas na produção do conhecimento e da inovação. A palavra-chave é colaboração, disse Mauro Kern, vice-presidente executivo de engenharia e tecnologia da Embraer. Segundo ele, é preciso criar redes de colaboração envolvendo empresas industriais, instituições de pesquisa e governo. "Daqui para frente, as empresas que quiserem desenvolver tecnologias por conta própria não vão conseguir enfrentar os desafios atuais. A competição vai se dar entre redes de colaboração e essas redes precisam ser fortes e competitivas."

Não se trata, de acordo com Kern, de buscar apenas instrumentos de ganhos de produtividade e de competitividade. "Em um mundo de rápidas mudanças, colaboração e inovação são questões de sobrevivência", afirmou. A empresa apostou nessa direção, segundo ele. A Embraer investe 3% de sua receita em inovação, pesquisa e desenvolvimento, o que tem resultado na criação de novos produtos em alta velocidade. "Somos a empresa que mais desenvolve aviões no mundo e isso tem proporcionado à companhia o crescimento de sua receita 20 vezes mais desde 1995."

As universidades estão prontas para exercitar essas ações de colaboração, avaliou João Grandino Rodas, reitor da Universidade de São Paulo (USP). "A universidade sai de sua torre de marfim, ciente de que não é mais dona do monopólio do conhecimento e do ensino", afirmou. No caso da USP, várias ações adotadas estão em desenvolvimento para incentivar a inovação e o empreendedorismo. Só no Programa de Inovação à Pesquisa, por exemplo, a USP investiu R$ 300 milhões para criar núcleos de apoio à pesquisa. Mais R$ 200 milhões estão sendo aplicados desde 2011 no projeto de implantação pioneira da tecnologia cloud computing no campus da universidade.

O presidente da Finep, Glauco Arbix, acredita que há uma nova cultura de inovação em curso. "Foi-se o tempo em que tínhamos dificuldade de discutir ciência e tecnologia com empresários", disse. "Agora, trata-se de criar um ambiente amigável, diminuir a carga de burocracia das empresas e mitigar os esforços entre os diversos agentes envolvidos na inovação."

Segundo João Alberto De Negri, diretor de inovação da Finep, uma parte relevante dos investimentos na economia nos próximos anos será realizada, por exemplo, pelas empresas vinculadas à cadeia produtiva do petróleo. De um total de 1.714 empresas do núcleo da indústria brasileira, pelo menos 750 desenvolvem atividades de P&D, das quais 500 estão integradas ao sistema do MCT (Finep e CNPq), recebendo apoio direto dos programas governamentais de financiamento à inovação. "Os resultados mostram que as firmas brasileiras que investiram em conhecimento e em inovação cresceram 21% a mais do que aquelas que não investiram", afirmou.

Governo deve perseguir metas como as corporações

Jacilio Saraiva
Para o Valor, de São Paulo

Para o Brasil vestir a camisa de país inovador, o governo deve emular processos adotados pelas grandes empresas. "O caminho para chegar à inovação mistura ingredientes como qualificação de recursos humanos e investimentos em pesquisa e desenvolvimento", diz Luiz Serafim, líder de marketing corporativo da 3M no Brasil e autor do livro "O Poder da Inovação-Como Alavancar a Inovação na sua Empresa" (Saraiva). O executivo foi um dos participantes do painel "Como Desenvolver o País por meio da Inovação", do Seminário Inovação e Desenvolvimento Econômico.

Segundo Serafim, a cultura de inovação dentro das companhias precisa ser irrigada diariamente — e a mesma coisa deve ser feita na esfera pública. A 3M, exemplo de organização inovadora, começou fabricando lixas em 1910 e hoje tem mais de 46 plataformas tecnológicas, de componentes de energia a produtos baseados em nanotecnologia. Lança mais de 43 mil patentes ao ano e estima que 40% das vendas em 2015 virão de novos produtos.

"O Brasil também pode perseguir objetivos estratégicos comuns ao setor privado, como absorver cientistas na área industrial e reservar parte do PIB para P&D", diz Serafim. Na 3M, 5,3% dos resultados das vendas vão para pesquisa. Para o executivo, faltam competências profissionais, mais líderes e gestores. A 3M tem sete mil cientistas espalhados em 85 laboratórios e 35 centros técnicos, em todo o mundo.

Rafael Lucchesi, diretor-geral do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), afirma que o órgão, que tem 2,8 milhões de matrículas, quer dobrar esse volume, até 2014. "Vamos investir em laboratórios e atividades de ensino a distância." Até 2015, a meta é implantar 23 institutos Senai de inovação e 61 unidades de tecnologia. Mas o déficit no setor de qualificação ainda é grande. Enquanto no Brasil apenas 6,6% dos jovens de 15 a 19 anos recebem educação geral e profissional ao mesmo tempo, no Japão essa fatia é de 55%.

Segundo Antonio Maciel Neto, presidente da Suzano, o cenário econômico está propício para investimentos no setor. "Somos outra nação com o fim da inflação e os investimentos estrangeiros saltaram de US$ 2 bilhões, em 1992, para US$ 68 bilhões", compara. "Ainda não temos uma cultura de inovação, mas o Brasil já sabe inovar."

Maciel lembra que a Suzano investe em genes de crescimento para acelerar o cultivo de florestas. Para ele, uma das receitas para colocar a inovação nos trilhos é investir em subvenções econômicas de longo prazo. "Aportes em inovação significam mais valor agregado aos produtos, empregos e melhor qualidade de vida."

De acordo com Glauco Arbix, presidente da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), o plano é descentralizar subvenções econômicas e de crédito. "Vamos trabalhar com bancos estaduais para ajudar as empresas." O BNDES anunciou que vai repassar R$ 3 bilhões à entidade, para pesquisa científica e tecnológica.

Segundo Mark Lyra, diretor presidente da Cosan Biomassa, a inovação também pode ajudar o país a realizar mais projetos, em menor tempo e com menos custos. "Mas isso deve ser feito de forma sustentável", diz. "Na Cosan, fazemos P&D no estilo 'pé no chão'. Investimos na área, mas com metas."

O desenvolvimento nacional passará obrigatoriamente pela chancela da inovação, na opinião de Laércio Cosentino, presidente da Totvs. "Toda vez que um brasileiro tem uma ideia, seis chineses também têm. Precisamos ser bons para competir globalmente", argumenta.

Para Carlos Calmanovici, presidente da Associação Nacional de Pesquisa, Desenvolvimento e Engenharia das Empresas Inovadoras (Anpei), os aportes das companhias em inovação têm aumentado com mais velocidade do que o crescimento do PIB. "O mundo vai crescer menos nos próximos anos e uma boa gestão da inovação será fundamental para vencer a concorrência".

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 8 nov. 2012, Especial Inovação, p. F1.